

Repetições e reformulações de preposições na fala de uma criança

Lou-Ann Kleppa
Instituto dos estudos da Linguagem – Universidade de Campinas (UNICAMP)
loukleppa@yahoo.com

Resumo

Neste estudo pretendemos investigar o papel das repetições e reformulações de preposições na fala de uma criança, R, que foi gravada dos 1;02.11 aos 4;10.06 anos de idade, a partir de 1976. Foram selecionados todos os dados de R em que havia repetições e reformulações de preposições ligadas a verbos. Queremos nos perguntar se existe algo em comum às preposições que são repetidas e quais podem ser os motivos para a reformulação de preposições em certos enunciados. Muitas das repetições e reformulações se devem ao caráter dialógico em que são produzidas, mas pretendemos analisar se é possível associar estes fenômenos ao processo de aquisição de linguagem em que a criança se encontra.

Palavras-chave: preposições; repetições; reformulações; diálogo.

Abstract

In this paper we intend to investigate the role of repetitions and rephrasings of prepositions in a child's speech. This child, R, was recorded from when she was 1;02.11 until 4;10;06 years old, and the recordings started in 1976. All the data, where R repeated or rephrased a preposition linked to a verb was selected for this study. We want to investigate if the prepositions repeated and rephrased have something in common and what could be possible reasons for these repetitions and rephrasings. Many of them certainly are due to the conversational aspect of the utterances of the child, but we seek to associate those repetitions and reformulations to the acquisitional process of language the child is in.

Key-words: prepositions; repetitions, rephrasings; dialogue.

Breve introdução

Os dados de análise recortados para este estudo foram coletados durante a seleção de dados efetuada no momento em que examinamos os dados de uma criança R (Raquel) para a dissertação de mestrado da autora. Na dissertação as repetições e reformulações de preposições ligadas a verbos na fala de R não foram analisadas e terão aqui seu espaço.

A criança documentada aqui foi gravada em seções semanais ou mensais com duração superior a meia hora por quase quatro anos, em interações lingüísticas com sua mãe (às vezes com outras pessoas também).

Pretendemos partir dos dados, subdividindo-os em categorias separadas, a saber: repetições e reformulações. A diferença entre estas duas categorias é que as repetições são a retomada, *ipsis literis*, do enunciado anterior. As reformulações são repetições de partes do enunciado anterior com a reformulação de uma unidade lingüística. Com base nos dados procuraremos por possíveis explicações para as repetições e reformulações de R que sejam sintagmas preposicionados.

Tipos de repetições

Quando nos deparamos com dados de fala, nos confrontamos com situações dialógicas, em que podem acontecer mal-entendidos, pausas, hesitações, digressões e outros fenômenos típicos de interações lingüísticas. Um primeiro tipo de repetições que podemos destacar dos dados de R está inserido neste esquema interacional: o interlocutor não entendeu o que o outro disse e pede pra que ele repita seu enunciado. Este tipo de repetição acontece por uma falha no canal comunicativo e é a resposta a um pedido do outro participante do diálogo. Nem sempre este pedido precisa ser verbalizado. Um olhar interrogativo, um gesto das mãos ou cabeça ou ainda uma vocalização com entonação ascendente podem ser interpretados pelo falante/ouvinte como um pedido de repetição do enunciado anterior. Observemos como isso se dá nos dados de R:

(1)

M: E o Gepeto?

R: Pêto ... Tem uma borrona nele ...

M: O quê?

R: Uma borrona nele. (R: 2;02.19)

Outro tipo de repetição que aponta para a não-fluência da fala está relacionado a hesitações. Enquanto o falante seleciona as formas lingüísticas com as quais pretende se expressar, ele mantém o turno repetindo a última palavra que enunciou. Normalmente estas palavras não são palavras lexicais, mas sim funcionais. Pronomes, preposições, artigos (e palavras curtas em geral, como se pode ver no segundo episódio) são o lugar em que a pessoa “engancha” antes de prosseguir, provavelmente porque este tipo de palavras não possui um valor semântico marcado:

(2)

(R chamou o pai para lhe dizer algo sobre o pintassilgo na gaiola que observa)

R: O pintassilgo.

P: Hã ... (do fundo)

R: Tá gostando **do, do, do, do, da, do, da, da** que, que você coitou, a lá, tá gostando.

M: Do jiló.

R: É **do** ziló. (R: 2;06.00)

(3)

M: O quê cê vai fazer?

R: (SI) ó/ u vai ela i/ i/ i/ i **no/ no** Náutico **com** meu filho.

M: Com seu filho?

R: É. (R: 2;04.11)

(4)

R: Óia aqui, tá saindo sangue **no** dodói, óia. Tá saindo sangue.

M: Tá mesmo, que dodói é esse? Tá saindo sangue mesmo.

R: Eu bati **na/ na/ na** gaveta.

M: A hora que você foi pegar?

R: É.

M: E nem sentiu dor?

R: Não ... Hum, hum, agola tá saindo sangue. (R: 2;04.26)

Podemos notar que as repetições em (1) a (4) estão estritamente ligadas ao caráter dialógico. Este não é único caso em que haverá repetições e reformulações, pois há aquelas que são fortemente ligadas às intenções do falante, como por exemplo marcar a reiteração, repetição de um evento. A reduplicação de segmentos lingüísticos para marcar a repetição não é uma estratégia muito comum em português, mas podemos citar o caso de *cai-cai balão*. Em tupi, por exemplo, esta estratégia é mais produtiva: *nhe'eng* significa “falar” e “falar muito” é expresso pela forma *nhe'eng nhe'eng*.

Observamos que R usa de um mesmo segmento lingüístico para apontar para diferentes entidades ou eventos no mundo e também usa o mesmo segmento mais de uma vez para por exemplo fazer enumerações (em (5) e (6)), enfatizar uma exigência (em (7)), doação (em (8)) etc.

(5)

(M põe a carroça no chão)

M: Ponho. Pronto. Aí.

R: Ele anda. **Pacá pa cá pa cá**.

M: É pra tudo aí. (R: 1;11.25)

(6)

- M: Onde é que cês aprenderam esse jogo?
R: Agola, esses [bloquinhos] ... vô, vamo bincá ca Teté [e com ela e com ela] e com
[(SI)]
M: [Com quem] cês jogam?
D: [(SI)]
R: Vamo bincá [mamãe e, e Dani-ela] (R: 2;09.16)

Neste último episódio R enumera as pessoas ou bonecas com as quais quer brincar: *com ela e com ela e com ela*. Com um mesmo enunciado que ela repete, R aponta para diferentes entidades no mundo. No episódio (5) R enumera os lugares pra onde a carroça vai.

Um outro tipo de repetição está mais relacionado com o ato enunciativo: a criança repete um sintagma para criar ênfase, reiterar o que disse. Em (7) R não quer ler estórias, prefere vê-las e repete a instrução para a mãe de que “não é pra contar a estória, mas sim ver as figuras no livro”. Partimos da suposição de que a criança não aponta para figuras diferentes no livro, como tinha sido nos episódios (5) e (6), em que ela mostra diferentes lugares pra onde a carroça se movimenta ou diferentes entidades com que brincar. Desta vez ela tenta fazer valer sua vontade através da repetição de que é pra *ver* as figuras:

(7)

- M: Vira a página, vira a página!
R: Nã, nã (virando a página)
M: Olha a rainha má.
R: Hã? Nããã! É pá é pá, é pá vê.
M: Ah! E depois o quê que aconteceu?
R: Então! (alto volume)
M: Hã!? (R: 2;01.23)

Este mesmo tipo de repetição pode ser observado no episódio seguinte:

(8)

- R: Ela tá tomando banho.
M: Você sempre acha que o Grilo Falante está tomando banho.
R: Igal eu.
M: Igual você?
R: Ah! Tó uma estora po cê, uma estora po cê.
M: Uma estória pra mim! E você não vai contar mais?
R: Vou! (R: 2;02.14)

Partimos do pressuposto de que R não está entregando duas estórias para a mãe, mas marcando, através da repetição, que está *entregando* uma estória pra ela.

Netas repetições o mesmo enunciado foi repetido.

Nos episódios a seguir observaremos que haverá mudanças no interior de cada sintagma repetido. A repetição é uma estratégia adotada pela criança (assim como também pelo adulto) para corrigir ou coordenar uma parte de seu enunciado com outra.

Tipos de reformulações

Em todos os episódios desta seção a criança reformula o sintagma preposicionado para concordar o gênero do nome com aquele morfema amalgamado à preposição que precisa ser coordenado com o nome. Assim, em (9), **com a** passa a **ca** quando ligados a **sua** ϕ , que tem o gênero feminino, apesar do nome não ser realizado. O nome não é realizado porque a palavra que R procura é *lencinho*, do gênero masculino. Ela reformula o sintagma preposicionado, coordenando a preposição com o nome: **com o lencinho**.

(9)

M: É, tem um leãozinho nesse lencinho.

R: Tem?

M: Tem. Ah! Tá bordadinho, o leãozinho! É pra quem é do signo de leão.

R: (SI) tudinho, eu vô, vô acabá com a sua, ca sua, com o seu lencinho.

M: Com tudo?

R: É. (R: 2;05.15)

No episódio seguinte temos a forma **cusa**, que pode ser explicada de várias maneiras: o/a transcritor/a escreveu numa palavra o que corresponde à preposição **com** (realizada como **cu**) e uma palavra interrompida, não terminada, que começa com a sílaba *sa-*. R cometeu um lapso ou erro. O/a transcritor/a cometeu um lapso ou erro. A autora deste estudo cometeu um lapso ou erro quando transliterou o dado. Seja como for, a forma **cusa** é reformulada: **ca sua**. A partir se dá o mesmo que já havíamos observado em (9):

(10)

M: Como é que foi pará? Deixa eu vê. Da onde será que é esse parafuso? Põe lá na gavetinha, filha; às vezes é de uma coisa importante. O quê que cê fez com o outro parafuso, eu num entendi nada o que [cê falou]

R: Cabeí cusa, ca sua, co seu lencinho.

M: Não tem mais nenhum na gaveta?

R: Não. (R: 2;05.15)

No episódio seguinte há novamente uma reformulação para que o gênero do amálgama da preposição com o determinante do nome seja coordenado, acertado com o gênero do nome que o determinante introduz:

(11)

R: Quem esqueveu lá **na lam/ no peito da lâmpada**?
M: Quem será, hein?
R: ... Deve tê a Daniela.
M: Deve tê a Daniela, eu acho que não.
R: Eu acho que não. (baixo) Deve tê eu ó!
M: Éééé! Deve tê o cê memo. (ri) (R: 2;07.02)

Nos episódios (12) a (14) ocorrerá uma mudança de preposição. Não haverá a repetição de um sintagma preposicional, como aconteceu em (1), (5) a (8) e (13). Tampouco haverá a repetição do início do sintagma, como ocorreu em (9) a (11). No episódio (12) há duas repetições, sendo que na primeira uma preposição em isolado é reformulada e repetida. Na segunda a preposição passa a ser amalgamada ao pronome que a segue:

(12)

(R brinca que está chegando de viagem)

R: (SI) agora ... vai/ vai **pa/ no/ pa** minha casa ... que (SI) quando descê que eu vô ...
Que/ que zá chegô (SI) (SI) ozá, desce, que eu já che/ que zá chegô, tá certo, já chegô.
M: Já? ... Um, dois ... eeh
R: Zzzzzzá!
M: (ri)
R: Ooooo! Trouxe mais coisa nova **p/ pra/ pra/ procê** também, vai **pra** lá.
M: Tá bom. (R: 3;01.02)

Já no episódio (13) todo o sintagma é retomado pra que a preposição seja alterada:

(13)

M: A gente vai levá essa rede aonde mesmo?
R: **De Santa Catarina. Em Santa Catarina.**
M: Isso mesmo. (R: 4;05.14)

No episódio (14) houve a reformulação de uma preposição, mas não sabemos se há concordância entre o amálgama da preposição com o determinante e o nome, porque o nome não está expresso. A queda da folha surpreendeu a criança que interrompeu sua cadeia enunciativa na preposição:

(14)

(R e D mexendo na máquina de escrever)

R: Papel, nunca vi (SI) **cair pa fola. Caiu pa fola** ... Ô Lela, eu nunca vi o papai/ o/ o/ o
papel **cair na ...** Ah! Caiu. (R: 2;04.02)

Notemos que nestes três últimos episódios as preposições estão delimitando relações espaciais. Em (12) podemos dizer que as preposições em questão são intercambiáveis: *eu vou na*

minha casa, vou pra minha casa são formas aceitas em português falado no estado de São Paulo.

Já em (13) as preposições não são intercambiáveis, pois recortam origem e destino de um evento. A idéia de pontos de vista diferentes, mas neste caso não opostos, também está em (14): direção e ponto final estão em jogo aqui.

Brincando com as palavras

Estruturas paralelísticas

(15)

(R e a irmã brincando com bonecas)

R: Ela zá tabou.

M: Já, né? ... Péra que eu já vou indo.

D: Ó, eu tô com o meu dedo quebrado.

R: Dá a minha ca (SI) ... Eu tô **com** o dedo quebrado **tamém**.

D: Qué, qué eu faço o teu dedo quebrou? ... Dá aqui ... Espera um pouco.

R: Eu tebei deto ... Tô **com** peina ... tô **com** baço quebrado.

D: Você tá com baço?

R: Eu tô **com** baço quebrado. Eu vô zogá **na** lata do liso, eu vou zogá **na** lata do liso, **na** lata do liso, zogá **na** lata do liso.

(R: 2.02.19)

Neste episódio R brinca com as palavras, usando um esquema fixo “estou com x quebrado”, variando o “x”, a parte do corpo supostamente quebrada. Assim temos *estou com dedo quebrado*, *perna e braço quebrado*. (Não acreditamos que os conhecimentos anatômicos de R tenham se estendido ao baço, aos 2 anos de idade, por isso tomamos “baço” por “braço”.) A preposição não é alterada, é fixa pelo caráter repetitivo da estrutura, mas o nome que ela introduz é substituído por outro. Note-se que como a preposição ainda integra a parte do enunciado que não será alterada, a preposição não é amalgamada com o determinante do nome. Não temos, pois, *tô **cu** dedo quebrado ... tô **cua** peina ... tô **cu** baço quebrado*.

Resumindo

Pudemos observar, a partir dos dados de R em que havia repetições e/ou reformulações de preposições, que há motivos diferentes para a adoção desta estratégia. As causas das repetições podem ser identificadas no caráter do diálogo, sujeito a infelicidades, tais como mal-entendidos, hesitações ou derivas; mas podem também estar relacionadas à intenção do falante de enumerar entidades ou eventos no mundo, reiterar algo, dar ênfase ao seu enunciado, dentre outras intenções possíveis.

As causas das reformulações estão, como podemos derivar dos dados apresentados, mais relacionadas ao significante. Ora a criança reformula a preposição para realizar a concordância,

ora ela determina relações de espaço de modo diferente. A incidência de repetições e reformulações sobre preposições altamente gramaticalizadas é notória:

há repetições da preposição **em** nos episódios (1), (3), (4) e (15)
de no episódio (2)
com nos episódios (3) e (6)
para nos episódios (5), (7) e (8);
há reformulações da preposição **com** nos episódios (9), (10) e (15)
em nos episódios (11) e (14)
para nos episódios (12) e (14)
de no episódio (13).

Estas preposições são palavras curtas, de pouca saliência fonética e valor semântico altamente esvaziado. Na linguagem oral, todas podem ser amalgamadas a outros itens lexicais, como pronomes ou artigos e por apresentarem um caráter mais marcadamente funcional que lexical, elas se prestam a ser o lugar em que a criança pode fazer repetições para ganhar tempo e não perder o turno de fala e precisa fazer reformulações para coordenar a preposição com o item a que a preposição pode vir amalgamada.

Notamos, por fim, que quando a criança brinca com a linguagem, fazendo uso de estruturas paralelísticas, a fórmula fixa a ser repetida impede que preposição seja reformulada.

Bibliografia

De Lemos, C. T.G. *Sobre o estatuto lingüístico e discursivo na narrativa da fala da criança.*

In: *Lingüística*, vol. 13, 2001.

Kleppa, L. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem – ou “Vamo de a pé no carro do vovô?”*. Campinas: IEL/Unicamp, dissertação de mestrado, 2005.